

Em memória do “Conservatório Real”

Ana Isabel Vasconcelos

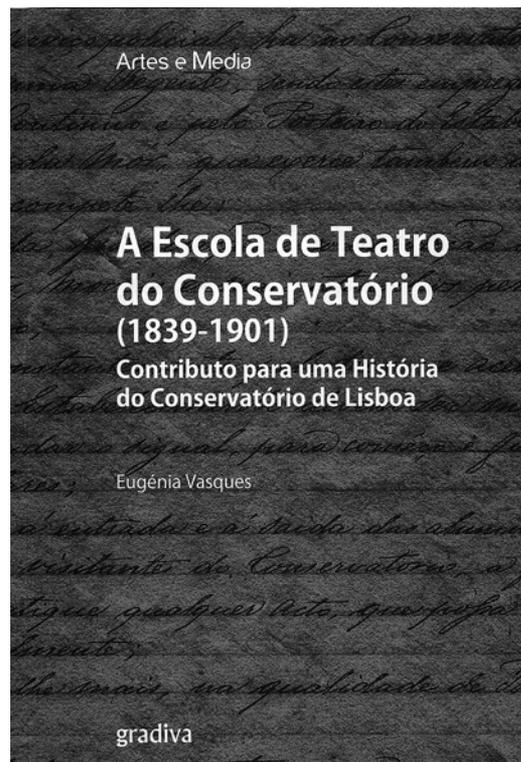
Eugénia Vasques, *A Escola de Teatro do Conservatório (1839-1901). Contributo para uma História do Conservatório de Lisboa*, Lisboa, Gradiva, 2012, 214 pp.

A história do ensino artístico em Portugal, nas suas diferentes vertentes, tem sido objecto de esparsas e parcelares publicações, reflectindo a inexistência, até praticamente finais do século passado, de uma prática de investigação e de edição no nosso país no que respeita a esta temática específica. Graças à introdução de níveis de estudo avançados nas universidades portuguesas e ao labor de novos centros de investigação, começam a ser conhecidos os resultados de diferentes projectos, nomeadamente nesta área do conhecimento.

A obra *A Escola de Teatro do Conservatório (1839-1901). Contributo para uma História do Conservatório de Lisboa*, da autoria da professora e investigadora Eugénia Vasques, nasceu precisamente de um projecto sediado no CIAC, Centro de Investigação em Artes e Comunicação, pertencente à Escola Superior de Teatro e Cinema e à Universidade do Algarve, e que, em parceria com a Editora Gradiva, impulsionou a criação da colecção “Artes e Media”, de que este é o 3.º número.

Concebido o resultado desta investigação para uma publicação em dois volumes, neste primeiro “constrói[-se], em termos exploratórios [...], uma panorâmica da vida daquela escola que [...] se baliza, metodologicamente, em dois acontecimentos-charneira: o falhado Plano da Reforma Geral dos Estudos, de 1834, redigido por Almeida Garrett [...] e o plano de reorganização do Conservatório Real de Lisboa e da sua Escola de Teatro de 1901” (p. 12).

Trata-se, assim, de um trabalho que se ocupa do séc. XIX, o que indicia as dificuldades havidas com a localização e recuperação dos documentos necessários, ou mesmo imprescindíveis, a um estudo desta natureza, pautado por um rigor investigativo notável, atestado pelas “Fontes e Bibliografia” utilizadas. De forma precisa e transparente, são-nos indicadas as “duas dimensões principais de observação”. Por um lado, a “documentação pública informal (jornais, revistas, etc.)” bem como a “bibliografia sistemática existente”, e, por outro, os materiais pertencentes a três Arquivos: Arquivo do Conservatório da Escola Superior de Teatro e Cinema, Arquivo do Conservatório pertencente ao Ministério da Educação, e Arquivo Nacional da Torre do Tombo, este último, no que respeita especificamente à correspondência trocada entre a Escola e o Ministério do Reino. É sobretudo o conjunto destes recursos arquivísticos que permite à investigadora recuperar dados e informações coevas que, articuladas de forma inteligente e sabedora com outras fontes já trabalhadas, resultam numa história,



tão pormenorizada quanto os documentos o permitem, do funcionamento da Escola de Teatro, desde a sua fundação até início do século XX.

O interesse de Eugénia Vasques por questões de género reflecte-se, desde o início, na forma como orienta esta investigação, a qual decorreu – esclarece a investigadora na sua “Apresentação” – de uma primeira intenção de estudar “o lugar deixado às mulheres na evolução do ensino formal e no campo profissional do teatro do século XIX em Portugal” (p. 11), acabando por fazer desse objecto de estudo um subtema de um trabalho mais abrangente, agora aqui apresentado.

No texto introdutório, a que dá o subtítulo de “A modernização do teatro português”, a autora apresenta-nos uma panorâmica contextual da situação do teatro, socorrendo-se de excertos de múltiplas proveniências – periódicos oitocentistas, publicações coevas, estudos novecentistas – que testemunham e ilustram as matizes várias e as perspectivas diversas de um tempo e de uma arte difíceis de sintetizar. De saudar a acertada escolha desses excertos, não só pelo seu valor contedístico como pelo sabor e expressividade da prosa.

No que diz respeito especificamente aos actores, Eugénia Vasques arrisca uma caracterização das sucessivas

Ana Isabel Vasconcelos é professora da Universidade Aberta e investigadora do Centro de Estudos de Teatro da FLU. Entre os livros que publicou sobre a História do Teatro Português contam-se *O teatro em Lisboa no tempo de Almeida Garrett* (Lisboa, Museu Nacional do Teatro, 2003), *O drama histórico português no século XIX (1836-56)*, (Lisboa, FCT/Fundação Calouste Gulbenkian, 2003) e, em co-autoria com Ana Clara Santos, *Repertório teatral na Lisboa oitocentista (1835-1846)*, (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007) e *Repertório teatral na Lisboa oitocentista (1846-1852)*, (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011).

gerações, numa "organização cronológico-estética" que prepara o leitor para o estabelecimento de "conexões entre o tecido teatral existente e o ensino ministrado pela Escola de Teatro a partir da década de 40" (p. 30), e que constitui a problemática central desta obra.

O corpo do texto é constituído por sete capítulos. Os três primeiros são dedicados à história do ensino formal de teatro, numa abordagem diacrónica, em torno de três períodos: cap. 1, "Alvores do ensino formal do teatro (1795-1840)"; cap. 2, "Primeiras reformas na Escola de Teatro do Conservatório (1839-1860)"; cap. 3, "As últimas reformas do século (1861-1901)". Partindo-se do enquadramento histórico da formação artística no contexto europeu, surge a criação do então designado Conservatório Geral de Arte Dramática – composto pela Escola de Declamação, a Escola de Música e a Escola de Dança e Mímica –, sublinhando-se o facto de o ensino artístico ter sido "encarado como parte integrante, mas autónoma, de uma reforma profunda de todo o sistema público de ensino" (p. 44). De forma paulatina e sempre adequadamente documentada, apresentam-se as etapas da instalação da "Escola de Declamação", com o respectivo plano curricular, a contratação de docentes, a aprovação dos Estatutos, o regime e categorias dos alunos, o estabelecimento do período lectivo e até o horário semanal referente ao ano de 1841. Mas o que tinha sido cuidadosamente preparado por Almeida Garrett, então a ocupar a vice-presidência do Conservatório, não teve o desenvolvimento desejado, sofrendo inconstâncias durante todo o séc. XIX:

A Escola de Declamação ou Escola de Arte Dramática esteve legalmente a funcionar, no século da sua fundação, somente entre 1839 e 1846 (com interrupção no ano lectivo de 1846-47), entre 1847 e 1848, sendo descontinuada entre 1848-60 e voltando ao activo entre 1861 e 1885 com intermitências. As subsequentes interrupções levarão à completa supressão da escola até 1898, ano em que é restaurada, sendo finalmente reorganizada em 1901, para obter um direito de cidadania renovado em 1911, quando o regime era já o regime republicano. (p. 66)

Nestes três primeiros capítulos, Eugénia Vasques dá-nos conta dos altos e baixos por que a Escola passou, explicita o trabalho desenvolvido pelos sucessivos vice-presidentes do Conservatório (a presidência pertencia ao rei D. Fernando) e dos directores da Escola de Teatro, escalpelando as responsabilidades de cada um nos momentos de progresso ou de estagnação da instituição. Almeida Garrett, Joaquim Larcher, Corrêa de Lacerda, Perini de Lucca, Mendes Leal, o Conde de Farrobo, Duarte de Sá, Luís Palmeirim, Eduardo Schwabach são nomes que vão desfilar ao longo da história do ensino artístico deste período. Com base nos mapas e relatórios provenientes dos Arquivos, apresenta-se o número de alunos por ano e por disciplina, identificam-se os mesmos, referem-se as condições de frequência, explicitam-se detalhes relativos

à avaliação e até são indicados resultados dos exames finais. A afluência de alunos é analisada à luz das políticas educativas, plasmadas estas nos sucessivos diplomas que vão introduzindo reformas que, relativamente ao curso de teatro, não produzem grande efeito até final de Oitocentos.

Os últimos quatro capítulos são de carácter temático. Abandona-se a perspectiva diacrónica anterior e somos introduzidos em problemáticas mais circunscritas e específicas. No cap. 4, é na "Profissão de actriz" que se centra a nossa atenção, sendo-nos apresentados apontamentos biográficos de muitas mulheres com experiências vivenciais coincidentes, o que permite identificar regularidades que vão concorrer para uma melhor compreensão daquele universo.

A origem social dos alunos do Conservatório ocupa a abertura do cap. 5, intitulado "Frequência da Escola de Teatro", levando a documentação coeva à seguinte constatação:

[...] a educação ministrada nas escolas do Conservatório tinha destinatários bem definidos socialmente: um público-alvo de origem popular, na Escola de Música, oriundo de operários, artistas e empregados públicos subalternos, enquanto, na de Teatro, esse público-alvo era constituído por filhos e filhas de pessoas mais pobres, das «classes ínfimas da sociedade», de tal maneira pobres que não teriam meios nem para se apresentar decentemente nem para demandar uma escola onde pudessem aprender as primeiras letras. (p. 135)

Nos capítulos 6 e 7, retomando-se informações já atrás referidas, nomeadamente a explicitação das componentes curriculares, são abordados os métodos de ensino, tarefa dificultada pela inexistência de compêndios, sebtas ou manuais que teriam obrigatoriamente servido de apoio às actividades lectivas, se fossem cumpridos os preceitos legalmente previstos. Resta-nos, para este período, um "testemunho possível de uma didáctica de teatro", materializado num volume publicado já no final do século (1890), da autoria de Luís da Costa Pereira, docente das cadeiras de "Declamação" e "Arte de representar" naquela escola. Seguindo, de forma analítica e comparada, a letra desses *Rudimentos da arte dramática*, Eugénia Vasques identifica substantivamente os princípios orientadores do que terá sido o ensino de teatro até finais de Oitocentos. O século XX inaugura uma outra época, com um novo conjunto de docentes, alguns dos quais autores de estudos sobre esta arte, como é o caso de Augusto Rosa, Augusto Xavier de Melo e José António Moniz.

A síntese de tudo o que foi exposto neste volume é feita pela própria autora num "Encerramento provisório" (pp. 189-200), prometendo-nos a continuação de uma história que está por contar e que, tal como esta, preencherá uma sentida lacuna, contribuindo para a identificação e fixação da memória social de um tempo.